

---

# Intervenção de salvamento no sítio de Bolada (S. Bartolomeu do Rêgo, Celorico de Basto)

JORGE DAVIDE SAMPAIO<sup>1</sup>  
ANTÓNIO FAUSTINO CARVALHO<sup>2</sup>

**A B S T R A C T** The salvage project at the site of Bolada led to the discovery of an occupation dated to the second half of the 5th millennium cal. BC. The materials recovered are principally ecofacts; there are many fewer artifacts, although they date to the same period. This find allows us to evaluate current models for the occupation of the region during the early phases of megalithic building.

**R E S U M O** A intervenção de salvamento no sítio de Bolada permitiu reconhecer a presença de uma ocupação datada da segunda metade do V milénio cal BC. Os materiais recolhidos são principalmente ecofactos; os artefactos são em número muito reduzido mas enquadram-se naquela cronologia. Este achado permite valorizar os modelos actuais de ocupação do território na região durante as fases iniciais do Megalitismo.

## 1. Descoberta e objectivos dos trabalhos

O sítio de Bolada localiza-se administrativamente na freguesia de S. Bartolomeu do Rêgo, concelho de Celorico de Basto. Trata-se de um pequeno cabeço, com uma cota de 675 metros a.n.m., que se destaca na paisagem sobretudo visto de Norte (Fig. 1). Actualmente encontra-se coberto por um pinhal no qual se desenvolve uma cobertura arbustiva muito densa.

A vertente virada a Norte foi afectada pela remoção de terras para construção de uma vivenda no local em 1994 (Fig. 2). Posteriormente, um de nós (J.D.S.) verificou existirem, no corte resultante daqueles trabalhos, três fossas preenchidas com terras negras. Estas fossas, cortadas em perfil, encontravam-se sob a cobertura sedimentar do cabeço e penetravam no substrato saibroso amarelado, do qual se distinguíam nitidamente pelo contraste de cores. Por informação oral dos proprietários da referida vivenda, foi possível saber que teriam existido cerca de outras seis estruturas deste tipo no local, as quais foram destruídas durante as obras de construção da habitação.



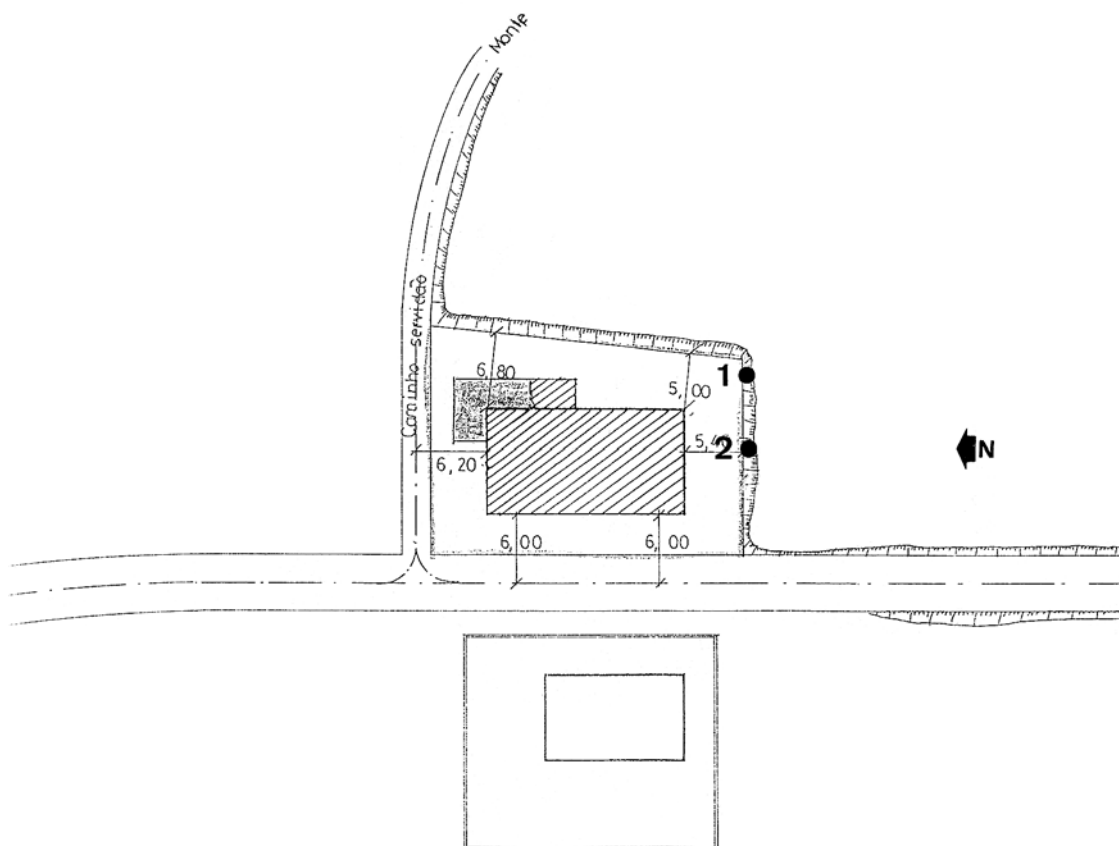


Fig. 2 Planta da vivenda à escala 1:500, com localização das Fossas 1 e 2, intervencionadas em escavação.

## 2. Metodologia

O mato denso e a grande acumulação de caruma dos pinheiros no topo do cabeço inviabilizaram qualquer tentativa de prospecção de superfície visando a detecção de outras estruturas do mesmo tipo; porém, a presença das fossas e a informação de que outras haviam sido destruídas, sugere a existência de mais estruturas deste tipo no local em zona não atingida pela escavação.

Assim, os trabalhos arqueológicos cingiram-se à escavação das fossas. Estas foram designadas, de Nascente para Poente, por Fossa 1, Fossa 2 e Fossa 3. Escavaram-se na totalidade as duas primeiras, uma vez que a terceira era apenas residual e jazia sob dois pinheiros, cujas raízes a penetravam profundamente. A intervenção iniciou-se com a limpeza da vegetação ao longo do rebordo do corte, o qual foi limpo, fotografado e desenhado (Fig. 3). A quadrícula na superfície do solo foi disposta em corredor (Fig. 4).

A escavação propriamente dita incidiu apenas na área daquele corredor afectada às fossas, tendo-se iniciado pela remoção da camada vegetal (designada por Camada 0) e da cobertura sedimentar do substrato saibroso (Camada 1). Assim que atingido o topo das fossas, estas foram escavadas em função das camadas naturais, as quais foram numeradas do topo para a base na sequência da designação das camadas sobrejacentes e adicionando-lhes, em índice, o número da correspondente fossa.

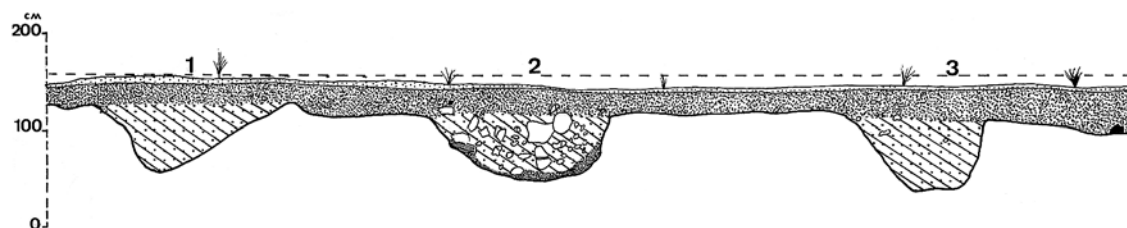


Fig. 3 Perfil do corte resultante da construção da moradia, com representação da estratigrafia das fossas tal como visível antes da escavação das mesmas (designado por *Corte Este-Oeste*).

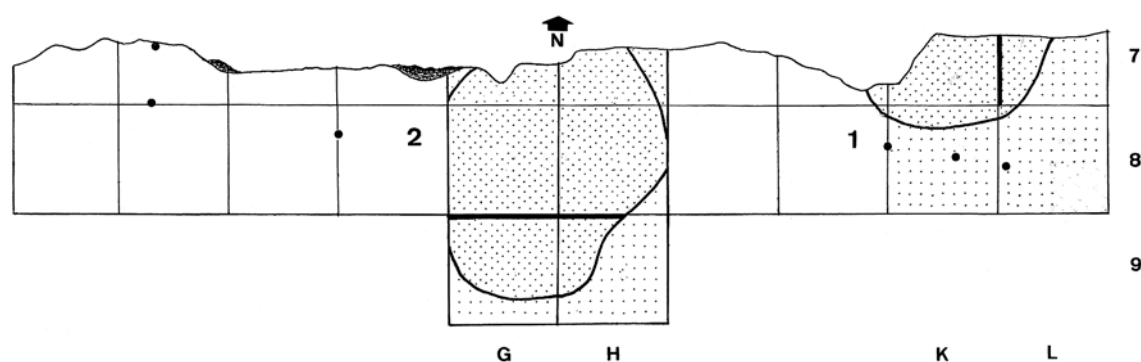


Fig. 4 Malha de quadrícula ao longo do corte, de orientação Este-Oeste, com indicação dos limites superiores da Fossa 1 e da Fossa 2 e dos respectivos cortes estratigráficos (indicados pelos traços espessos).

### 3. Estratigrafia

A Fossa 1 encontra-se nos quadrados J-L/7-8. Truncada numa extensão indeterminável pelo referido corte no terreno, esta fossa aparenta ter tido planta arredondada. Atinge uma profundidade máxima conservada de cerca de 65 cm. A estratigrafia e respectivo conteúdo são os seguintes (Fig. 5):

#### Camada 0

Terra vegetal com cerca de 7 cm de espessura, de tonalidade castanho-clara e pouco compacta, estéril arqueologicamente.

#### Camada 1

Camada pulverulenta de cerca de 30 cm de espessura, de cor castanho-escuro, com lentículas de saibro esbranquiçado. Não revelou qualquer artefacto, mas continha alguns fragmentos de madeira carbonizada.

#### Camada 2<sub>1</sub>

Corresponde à totalidade do preenchimento da fossa; trata-se de terras de cor castanho-clara, menos compactas que as da Camada 1. Apresentava apenas sementes dispersas (não analisadas), alguns carvões e um grande número de termoclastos de quartzo.



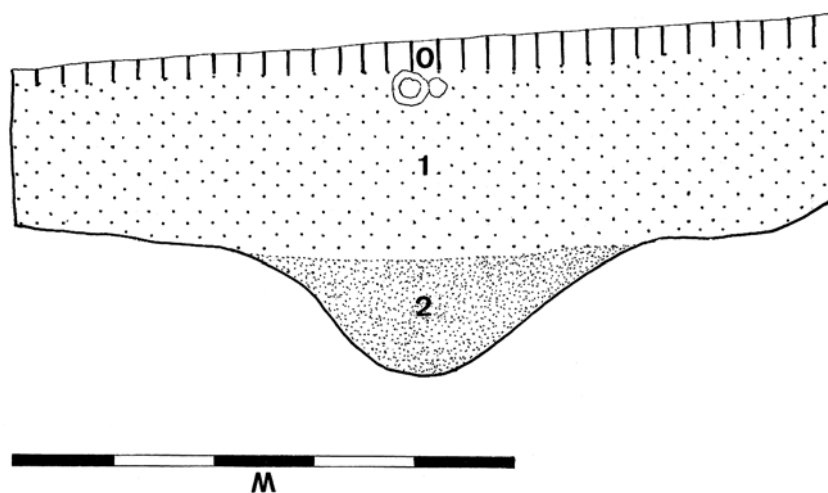


Fig. 5 Corte estratigráfico Norte-Sul, na Fossa 1 (designado por *Corte 1*; cf. Fig. 4).

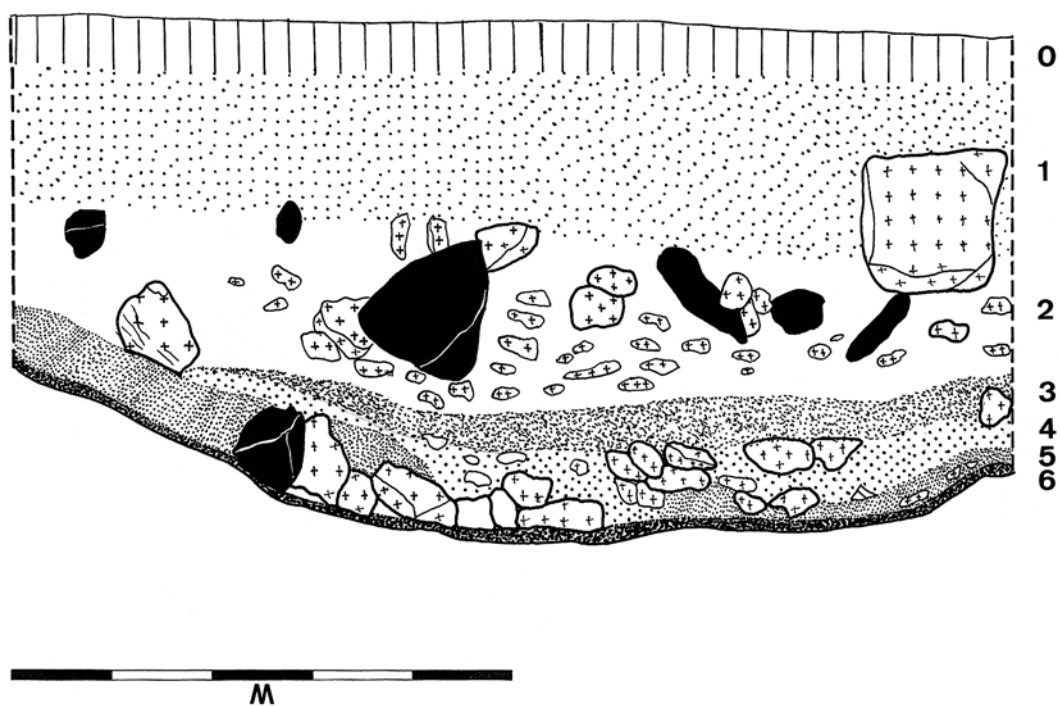


Fig. 6 Corte estratigráfico Este-Oeste, na Fossa 2 (designado por *Corte 2*; cf. Fig. 4).

A Fossa 2 encontra-se nos quadrados G-H/7-9. Muito menos destruída que a anterior, esta fossa apresenta uma planta grosseiramente elíptica, com um comprimento máximo a rondar os 3 m (Fig. 6). A profundidade máxima é de cerca de 65 cm. A sua estratigrafia e conteúdo arqueológico, mais complexos que os da fossa anterior, descrevem-se do seguinte modo:

**Camada 0**

Corresponde à camada com a mesma designação indicada a propósito da Fossa 1, apresentando, no entanto, uma espessura um pouco maior (10 cm).

**Camada 1**

Textural e cromaticamente igual à camada 1 da Fossa 1, e com a mesma espessura. Revelou alguns artefactos no contacto entre esta camada e a precedente.

**Camada 2<sub>2</sub>**

Trata-se da camada de topo do preenchimento da fossa e a que apresenta maior espessura (entre 20 e 40 cm). É formada por terras castanho-claras que embalam blocos de granito e quartzo de cerca de 30 cm de comprimento, fendidos por acção do fogo. No contacto com a camada sobrejacente identificou-se um nível delgado de pequenos blocos de granito calcinados, com cerca de 10 cm de comprimento, aos quais se associava ainda um dormente de mó manual com cerca de 40 cm de diâmetro (Fig. 7). Apresentava abundantes elementos carpológicos e algumas esquirolas de ossos calcinados (que não permitem classificação de espécie), e recolheram-se vários artefactos, principalmente em pedra polida.

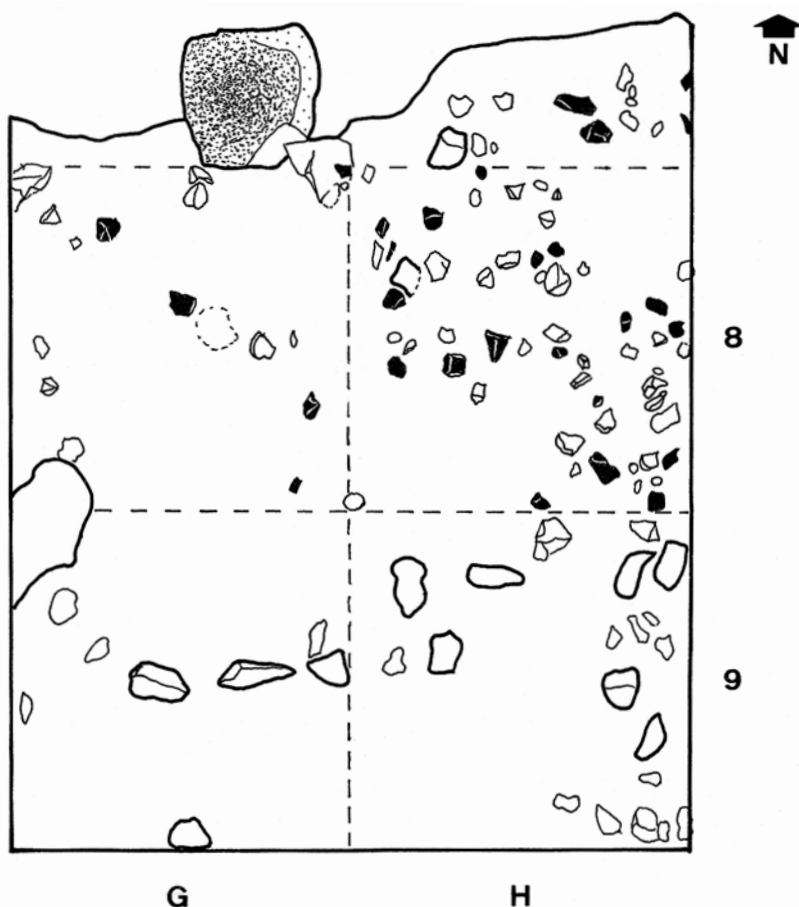


Fig. 7 Planta de topo da Fossa 2, ao nível da Camada 2<sub>2</sub> (quadrados G-H/7-9). A negro representam-se clastos de quartzo e a branco fragmentos de granito. Note-se a presença de um dormente de mó incrustado no corte da fossa.

**Camada 3<sub>2</sub>**

Camada de 10 cm de espessura, composta por pequenos blocos de quartzo embalados em terras carbonosas, negras, pulverulentas. Os poucos artefactos que surgiram nesta camada encontravam-se no contacto com a camada subjacente. Surgiram ainda alguns elementos carpológicos.

**Camada 4<sub>2</sub>**

Terras castanho-escuras embalando blocos de granito de grandes dimensões (20-25 cm de comprimento) e alguns em quartzo. É estéril em materiais arqueológicos, mas contém três grandes pedaços de troncos de árvore queimados: um junto ao corte, os restantes encostados ao rebordo Sul da fossa. Parte de um destes troncos foi enviado para datação no Laboratório de Radiocarbono do Instituto de Tecnologia Nuclear, em Lisboa (cf. abaixo).

**Camada 5<sub>2</sub>**

Nível composto por carvões, com uma espessura oscilando em torno dos 10 cm. Contém blocos de granito de pequena dimensão fracturados por acção do fogo. Não apresentou artefactos.

**Camada 6<sub>2</sub>**

Nível basal da fossa, com cerca de 3 cm de espessura, composto por uma densa camada de carvões.

## 4. Apresentação dos materiais recolhidos

### 4.1. Artefactos

Como se referiu acima, a Fossa 1 não revelou qualquer artefacto. A Fossa 2, por seu lado, apresentou a seguinte composição artefactual (Fig. 8):

- Camada 1: 3 fragmentos de bojos cerâmicos de data indeterminável e 1 segmento em sílex.
- Camada 2<sub>2</sub>: 3 moventes e 2 dormentes de mós em granito, 1 bigorna também em granito, 1 lamela em sílex e 1 fragmento de bordo de cerâmica de fabrico manual.
- Camada 3<sub>2</sub>: 1 fragmento de machado em rocha anfibólica e 2 bocados de barro cozido com negativos de ramagens, vulgarmente designados por “barro de cobertura de cabana”.

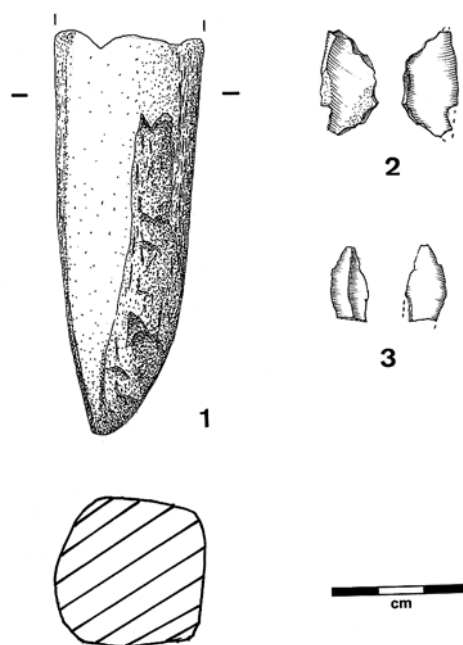


Fig. 8 Artefactos líticos: 1. fragmento proximal de instrumento em pedra polida (machado?) (desenho de J. D. Sampaio); 2. micrólito geométrico (segmento de círculo) sobre lasca de sílex; 3. fragmento distal de lamela em sílex (desenhos de T. Aubry).

#### 4.2. Ecofactos

Foram abundantes os ecofactos recolhidos na Bolada. Infelizmente, as esquirolas de ossos longos não permitiram, pelas suas reduzidas dimensões, a determinação das espécies animais presentes, e não nos foi possível ainda efectuar o estudo antracológico dos inúmeros carvões recolhidos. Contamos já, no entanto, com os resultados da análise dos vários elementos carpológicos recolhidos na Fossa 2. Segundo a Dra. M.T. Vasconcelos, do Instituto Superior de Agronomia de Lisboa, estão presentes as seguintes espécies:

- Camada 2<sub>2</sub>: bolbos de *Allium sphaerocephalom* (Alho Bravo), caroços de *Olea europaea sylvestris* (Zambujeiro) e sementes de *Vicia faba minor* (Fava).
- Camada 3<sub>2</sub>: tubérculos da base do colmo de *Arrhenatherum elatius bulbosum* (Erva-Noze-lha).

#### 5. Cronologia e conclusões

A pequenez da área intervencionada, assim como a escassez de artefactos recuperados, recomendam que se tomem por provisórias as conclusões actualmente possíveis sobre o sítio da Bolada. No entanto, a conjugação daqueles materiais com a datação absoluta já obtida justificam desde já a apresentação, ainda que provisória, de algumas observações respeitantes à sua cronologia e articulação com o povoamento conhecido no Douro litoral.

No início dos trabalhos de campo era nossa convicção que estaríamos perante um sítio de fossas da Idade do Bronze final, se considerada a tipologia geral (fossas de planta arredondada e perfil côncavo), as características contextuais (preenchimento com areão, terras carbonosas, carvões e elementos carpológicos) e o espólio arqueológico (raros artefactos, mas predominando os elementos de mós manuais). Paralelos geograficamente próximos da Bolada seriam então os povoados de Pedroso e Areeiro, também localizados no concelho de Celorico de Basto (Bettencourt e Fontes, 1993-94).

Porém, desde logo se mostraram intrigantes alguns dos artefactos que iam surgindo no decorrer da escavação. Se o segmento em sílex, por se encontrar no exterior de qualquer fossa (camada 1), poderia ser considerado descontextualizado, já a lamela da mesma rocha foi recuperada em condições estratigráficas que mais dificilmente comportariam a hipótese de se tratar de uma peça intrusiva (camada 2<sub>2</sub>). A datação de radiocarbono de um dos pedaços de carvão recolhidos na camada 4<sub>2</sub> (portanto, na mesma fossa), reforçou estas dúvidas ao revelar uma cronologia do terceiro quartel do V milénio cal BC:

código de laboratório: Sac-1575

datação: 5510 ± 55 BP

calibração a 1 *sigma*: 4449-4257 cal BC

calibração a 2 *sigma*: 4457-4249 cal BC

Para manter a interpretação da Bolada como tratando-se de um sítio de fossas do Bronze final ter-se-ia de raciocinar por redução ao absurdo. Isto é, ter-se-ia de considerar, em simultâneo, as peças lascadas como intrusivas (coluvionadas a partir de um hipotético sítio neolítico situado na parte superior do cabeço) e os carvões efectivamente correlacionáveis com a ocupa-



ção da Idade do Bronze, mas padecendo do “efeito de madeira antiga”. Para além destas dificuldades, constata-se ainda que a Bolada não é caso virgem no Noroeste de Portugal. Com efeito, na Serra da Aboboreira encontram-se bons paralelos para a Bolada e com a mesma cronologia, o que permite concluir que este tipo de sítios e estruturas pode ser vinculado igualmente ao Neolítico.

Os paralelos mais bem conhecidos são a mamoa de Cabras (Amarante) e o povoado da Lavra (Marco de Canaveses). No primeiro sítio, trata-se de uma fossa de forma subcircular correlacionável com buracos de poste, mas subjacente ao monumento megalítico, cuja edificação está datada de finais do V/inícios do IV milénio cal BC (Stockler, 1998). No povoado da Lavra, as condições de conservação não permitem conclusões seguras sobre a cronologia das várias estruturas identificadas (lareiras, fossas, buracos de poste e um piso), mas é elevada a possibilidade de uma ou mais fossas datarem do Neolítico antigo (Sanches, 1997).

No que respeita à funcionalidade destas estruturas, as fossas da Lavra foram classificadas como “grandes estruturas de combustão em fossa circular” (Sanches, 1997, p. 154). Esta proposta parece poder aplicar-se também à Bolada, verificadas as enormes quantidades de carvão que continham. A hipótese de se tratarem de estruturas de acumulação de detritos de povoados, embora não deva ser rejeitada, debate-se com a tentativa infrutífera de identificação de solos de habitat associados às fossas, quer na área intervencionada, quer na observação de um extenso corte junto à estrada actual, quer ainda em prospecção de superfície.

De qualquer modo, a Bolada parece complementar o modelo geral de exploração do espaço durante o V milénio cal BC já proposto para a Serra da Aboboreira (Stockler, 2000). Segundo este modelo, o povoamento dos planaltos da Serra ocorreria sobretudo na época estival, decorrendo a ocupação exclusiva dos territórios de menor altitude durante as restantes estações do ano (de que serão exemplo sítios como a Lavra ou o Tapado da Caldeira). A Bolada pode ser também evidência dessa ocupação das “terras baixas”, se valorizarmos a sua implantação em altitude semelhante à daqueles sítios e a natureza dos seus achados carpológicos (cuja colheita se processaria na Primavera e Outono).

Uma leitura mais definitiva dos dados da Bolada teria, no entanto, de passar pelo prosseguimento dos trabalhos de escavação e estudo deste sítio, e pelo reconhecimento de outros contextos neolíticos na região envolvente.

## Agradecimentos

Os autores desejam expressar o seu agradecimento à Câmara Municipal de Celorico de Basto e à Junta de Freguesia de S. Bartolomeu do Rêgo pelos apoios prestados aos trabalhos arqueológicos; à Dra. Maria Teresa Vasconcelos, do Departamento de Protecção de Plantas e Fitoecologia do Instituto Superior de Agronomia de Lisboa, pela identificação dos macro-restos vegetais recuperados; e a Augusto Aveleira, Carla Magalhães, João Pedro Teles e Tiago Magalhães, pela colaboração na escavação deste sítio.

---

## NOTAS

- <sup>1</sup> Parque Arqueológico do Vale do Cóa  
Av. Gago Coutinho, 19 – 2.º andar  
5150 Vila Nova de Foz Cóa
- <sup>2</sup> Universidade do Algarve  
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais  
Campus de Gambelas  
8000 Faro

---

## BIBLIOGRAFIA

- BETTENCOURT, A. M. S.; FONTES, L. (1993-94) - Uma nova jazida da Idade do Bronze no Areeiro, planalto da Lameira, Celorico de Basto. *Cadernos de Arqueologia*. Braga. II Série. 10-11, p. 247-260.
- FONTES, L (1995) - Inventário arqueológico do património do Planalto da Lameira. *Voz de Basto*. 20 de Abril de 1995, p. 5.
- SANCHES, M. J. (1997) - *O Abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) no contexto da Pré-História recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*. Porto: S.P.A.E. (Textos; 1).
- STOCKLER, C. (1998) - Em torno da cronologia do megalitismo da Serra da Aboboreira: novas datas de Carbono 14 da Mamoa de Cabras (Amarante). *A Pré-História na Beira Interior*. Viseu: C.E.P.B.A. (Estudos Pré-Históricos; 6), p. 167-174.
- STOCKLER, C. (2000) - Reflexões sobre a ocupação humana no Douro Litoral do Neolítico inicial ao Bronze inicial. *Al-Madan*. Almada. II Série. 9, p. 79-93.